

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com o Doclisboa: Cecilia Mangini
22 de Outubro de 2021

LA SCELTA / 1967

Realização e argumento: Cecilia Mangini / **Fotografia:** Alberto Grifi / **Música:** Sandro Brugnolini / **Montagem:** Maria Rosada / **Produção:** Nuovi Schermi (Itália) / **Cópia:** em DCP, preto e branco, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 13 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / Primeira exibição na Cinemateca.

V. & V. / 1969

Realização: Lino Del Fra / **Colaboração:** Cecilia Mangini / **Fotografia:** Eugenio Bentivoglio / **Música:** Egisto Macchi / **Montagem:** Giuseppe Giacobino / **Produção:** Nuovi Schermi (Itália) / **Cópia:** em ficheiro, preto e branco, legendada electronicamente em português e inglês / **Duração:** 16 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / **Primeira exibição na Cinemateca:** 10 e 21 de Outubro de 2013, Tesouros de Bolonha – Homenagem à Cineteca di Bologna.

ESSERE DONNE / 1965

Realização e argumento: Cecilia Mangini / **Texto:** Felice Chilanti, Giuliana Dal Pozzo / **Fotografia:** Luciano Graffigna / **Música:** Egisto Macchi / **Montagem:** Marco Menenti (Silvano Agosti) / **Produção:** Unitelefim (Itália) / **Cópia:** em DCP, cor e preto e branco, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 29 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / Primeira exibição na Cinemateca.

BRINDISI'65 / 1965

Realização e argumento: Cecilia Mangini / **Fotografia:** Giuseppe Pinori / **Música:** Egisto Macchi / **Montagem:** Rosa Sala (pseudónimo de Silvano Agosti) / **Produção:** Cecilia Mangini Produzioni (Itália) / **Cópia:** em DCP, preto e branco, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 15 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / Primeira exibição na Cinemateca.

TOMMASO / 1965

Realização: Cecilia Mangini / **Fotografia:** Giuseppe Pinori / **Música:** Egisto Macchi / **Montagem:** Rosa Sala (pseudónimo de Silvano Agosti) / **Produção:** Cecilia Mangini Produzioni (Itália) / **Cópia:** em DCP, preto e branco, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 11 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / **Primeira exibição na Cinemateca:** 10 e 21 de Outubro de 2013, Tesouros de Bolonha – Homenagem à Cineteca di Bologna.

filmes de Cecilia Mangini e Lino Del Fra

Duração total da projecção: 84 minutos.

De Cecilia Mangini (1927-2021) já exibimos anteriormente alguns filmes na Cinemateca, entre eles **Tommaso** e **V.&V.**, que mostramos novamente nesta sessão, e os magníficos **Stendali (Suonano Ancora)**, **La Canta delle Marane** (ambos de 1960), e **Ignoti alla Città** (1958), as suas três curtas-metragens que contam com a colaboração de Pasolini no argumento, todas elas anteriores aos filmes de hoje, como o são os filmes da sessão que abriu a retrospectiva, em que se exibiram vários filmes da primeira metade dos anos sessenta. Se uns (**La Canta delle Marane**, **Ignoti alla Città** e mesmo **Tommaso**) revelavam uma energia fulgurante associada a um retrato dos mais jovens que habitam as margens das cidades italianas, que escapava a todos os cânones cinematográficos, o outro, **Stendali** (e os restantes filmes da sessão anterior de hoje) apontavam para as raízes mais etnográficas de uma nova geração do cinema italiano, em que se incluíam os nomes e as obras de Cecilia Mangini e Lino Del Fra, o companheiro da cineasta e parceiro de tantas obras resultantes de uma colaboração conjunta, mas também de Gianfranco Mingozzi. Três realizadores que, como já referido, muito foram influenciados pela investigação etnográfica de Ernesto de Martino. Esta retrospectiva ao incluir um conjunto de filmes assinados por Lino del Fra, entre os quais **V. & V.**, que mostramos nesta sessão, presta-lhe uma justa homenagem, dado que parte da sua obra é inseparável da de Mangini, e vice-versa, mesmo quando não creditados.

Se Mangini começa a trabalhar como fotógrafa, desenvolvendo a dada altura as duas actividades em paralelo e desafiando o documentário etnográfico ou as fronteiras do próprio documentário, vários dos filmes de Mangini inserem-se num território muito particular de um cinema-poesia de difícil classificação, ou com ele comunicam, mesmo quando mais aparentemente convencionais e politicamente mais explícitos no modo como registam as consequências da transformação de uma Itália tradicional quando assolada pelo dito “milagre económico”, um tema particularmente caro a Mangini. Como Pasolini, Mangini era uma intelectual ligada ao Partido Comunista, e como já foi escrito sobre Pasolini, como ele Mangini opta por questionar o que poderia sobreviver de um mundo antigo e o que resiste ao progresso, então tão enaltecido pelo cinema italiano dominante.

Os filmes desta sessão, datando todos eles da segunda metade dos anos sessenta, retratam no seu conjunto uma Itália resultante de uma rápida e profunda transformação económica, social e política, bem como o confronto entre uma sociedade maioritariamente rural, ainda dominante no Sul e a industrialização do Norte, em que a um período de “boom económico” e de modernização se sucede uma crise económica e uma progressiva tomada de consciência da pobreza de muitos e dos graves problemas sociais atravessados pela população em geral e por uma massa de trabalhadores altamente explorados. Disto dão conta os vários filmes deste programa que, na sua diversidade, abordam o confronto entre os valores de uma sociedade antiga e uma sociedade moderna em transformação nos mais diversos domínios, da eutanásia ao papel das mulheres, da exploração da mão-de-obra operária nas fábricas recém-construídas a uma crítica ao consumismo, passando pela própria esfera da vida privada.

La Scelta, o primeiro filme da sessão, aborda a questão da eutanásia através de um jovem que toma a decisão de ajudar o seu pai a morrer face a uma doença incurável. É claro desde os primeiros planos como tal descrição fica a milhas de um filme que revela raras qualidades de *mise en scène* no modo elíptico como nos “conta” esta história com um jovem protagonista (o comentário off é mais uma vez uma constante) que enceta uma deambulação

muito “nouvelle vague” (a visita à livraria com um cenário pop, o encontro com Paolo na aula de Taekondo, que este fotografa), que contrasta com a gravidade do tema retratado. Se é importante a abordagem da questão moral e o confronto entre duas gerações, o que sobressai em **La Scelta** são mesmo as opções de realização, como tão bem revela a sua introdução, em que se filma o protagonista em picado, preso no meio de um cruzamento, imagem inicial que tão simbolicamente nos evoca uma imagem do protagonista de **Verdes Anos**, de Paulo Rocha.

Realizado por Lino Del Fra, e contando com a colaboração de Cecilia Mangini, **V.&V.** acompanha um casal de jovens apaixonados que manifestam a sua militância das mais diversas formas; do amor ao modo como se relacionam com os outros e o mundo. A questão do “amor” e do sexo entre os mais jovens na sua relação com a tradição estarão aliás bem presentes no cinema (e na televisão) de Lino Del Fra e de Cecilia Mangini que, na década de oitenta, retomam um projecto de Pasolini ao realizarem uma série televisiva que investiga o que os jovens italianos pensam sobre estas questões a que dão o nome de **Comizi d’Amore 80** (cujas três partes mostraremos noutras sessões desta retrospectiva). Aqui, como noutros filmes de Mangini já referidos, a relação entre o som e a imagem e o comentário off (que passa muitas vezes pela dissociação) são essenciais no diagnóstico da relação entre o modo de viver a intimidade de cada um e um desejo de mudança, política, social. Sendo esta uma obra mais assumidamente militante que o filme anterior da sessão, como escreveu Andrea Meneghelli, “**V. & V.** presta tributo ao cinema de autor militante, voltando-o às avessas com uma inteligência surpreendente”.

Essere Donne é um documentário que se centra na condição feminina ao retratar os problemas e a luta das mulheres nos seus diferentes papéis, da esfera familiar e doméstica, às duras condições de vida nas fábricas enquanto operárias. Um filme produzido para a televisão que acabou por ser censurado na altura da sua estreia, e que é extremamente acutilante na sua crítica a uma sociedade de consumo que vende uma imagem da “mulher-ideal” nas capas das revistas, que em tudo contrasta com a realidade aqui retratada. A cor das imagens pop iniciais contrasta de modo expressivo com o preto e branco das mulheres na linha de montagem que, quando entrevistadas, dizem não sentir os corpos exaustos quando regressam a casa ou com o modo como o filme revela como estas são sujeitas à maior das explorações, tanto no trabalho nas fábricas e nos campos, como em casa. Todavia, mesmo num filme que se centra nas mulheres que se entrevistam ou são filmadas a trabalhar, sobressaem as vistas de rua maravilhosamente fotografadas, em que vemos grandes planos de crianças, intercalados com inusitados planos mais gerais em picado, que nos reenviam para as origens fotográficas de Mangini e para a sua relação com a *street photography*.

Os dois filmes com que termina a sessão relacionam-se muito directamente com Brindisi, pequena cidade italiana de tradição camponesa, onde é construída a maior fábrica petroquímica de Itália, a Monteshell, que provoca uma total alteração do modo de vida da região. Monumental construção que atrai multidões de trabalhadores, mas que é uma enorme fábrica de exclusão social e de reprodução de condições sociais miseráveis associadas a uma política de baixos salários, exprime a pobreza que assola a região e Itália.

Se **Brindisi’65** (1967) assume vários protagonistas sem se concentrar, sendo que o grande protagonista é a fábrica, **Tommaso** (1965) revela-nos um olhar extremamente singular sobre a produção industrial de Brindisi ao projectar a perspectiva pessoal de Tommaso,

rapaz que sonha em tornar-se trabalhador da recém-inaugurada petroquímica. **Tommaso** apresenta as mesmas divisões entre o Norte e o Sul dos filmes anteriores, assim como o contraste entre a realidade sonhada pelo protagonista e a Itália real. A fábrica é a realidade inatingível, que todas as comodidades da vida moderna promete (uma casa com casa de banho, um carro, etc.), mas que depressa tudo engole numa linha de montagem que absorve a força de trabalho, engolindo todos os que lá laboram. O que muitos outros cineastas retratam sem subtileza, Mangini documenta com uma força invulgar, que se estende das pessoas que filma, às duras realidades com que se confronta no imparável processo de modernização da sociedade italiana, que deixa muito (e muitos) para trás.

Joana Ascensão